

Capítulo 1

O dia agradável acabou por surpreender os desavisados, com uma chuvinha fina, que parecia ganhar força a cada minuto. Em frente a minha janela, eu observo um rapaz que se mudou recentemente. Sempre que o vejo, ele está pintando algo. Às vezes flores, outras vezes paisagens e raramente rostos de pessoas desconhecidas. Ao menos pra mim. Eu gosto de vê-lo pintar. Procuo entender como de misturas tão diferentes, ele consegue tons quase inacreditáveis. Um roxo com azul, que sai quase púrpura cintilante. Um amarelo com rosa, que mais parece à pele macia de um bebê; e a minha favorita: azul com verde, que forma quase a visão de uma aurora boreal bem diante dos meus olhos. Quando termina suas obras, ele as coloca na varanda pra secar. É quando posso acompanhar um sorriso amarelo surgir em seus lábios, sempre que ele me vê. No entanto, relacionamentos amorosos não estão nos meus planos no momento. Meu trabalho me faz prezar a segurança daqueles com quem ainda me importo então, não me dou o luxo de me prender a ninguém. Confesso que suas pinturas me acalmam quando meu dia está estressante. E hoje, promete ser muito estressante.

Eu continuo a observá-lo, enquanto tomo meu chá de camomila com leite, e levo um segundo pra perceber que o bipe vindo do meu computador, indica a chegada de uma nova mensagem em meu e-mail. Meu tempo acabou. É hora de voltar para o trabalho. Afasto-me da janela e me aproximo da tela repleta de novas informações

. Respiro fundo e estreito meus olhos, a fim de me concentrar no que é preciso ser feito. Meu trabalho é pouco comum ou conhecido, eu acho. Eu procuro por falhas de transmissão de dados criptografados. Códigos impressos nesses dados, são importantes pra evitar entre outras coisas, espionagem de informações. Eles podem ser subliminares e passarem despercebidos pra quem não entende seu real valor na Tecnologia Digital. Às vezes uma simples carta, sms via celular, ou até mesmo uma linda música podem conter trocas de informações preciosas. É difícil de acreditar, mas é verdade. Tudo começou no último ano do colégio, quando participei de uma feira sobre Tecnologia Digital.

Cada grupo que era formado no máximo, por até seis pessoas, recebeu um panfleto explicativo. Três páginas diziam o que deveria ser feito. O trabalho consistia na análise de informações trocadas entre dois departamentos da cidade de Nova York. O grupo que conseguisse descobrir a falha na comunicação, que culminou na prisão de um jovem de 17 anos no Brooklyn, levava um prêmio de vinte mil dólares pra ser dividido, e a garantia de estágio em uma empresa na área de Tecnologia. O prazo foi de um mês, e em pouco tempo, observei os grupos diminuírem até só sobrarem três.

Eu nunca fui boa aluna, e não me dava bem com praticamente ninguém; inclusive daqueles que faziam parte do meu grupo. Apesar de nos reunirmos todas as tardes por duas semanas, e acompanhar os esforços que eles realmente faziam para encontrar a solução, eu não me arriscava a dar um palpite. Não era por medo de ser rejeitada, era por que eu não dava a mínima mesmo. Após perder meus pais quando era criança, minha guarda ficou por conta do meu padrinho, Tom Parker. Nós sempre nos demos

bem, mas eu vivia inconformada com suas regras. Por isso, há dois anos fizemos um trato: eu terminaria o colegial, e em troca eu poderia ganhar o mundo. Hoje com 18 anos, reconheço que naquela época, estava quase no fim da minha caminhada, por tanto, não era difícil aturar as duas patricinhas e os quatro babacas do meu grupo. Numa tarde chuvosa como a de hoje, uma das patricinhas de cabelo liso na altura dos ombros, e um batom vermelho sangue, jogou o folheto explicativo em meu colo; enquanto eu lia Ana Karenina. Seu nome era Alex. Só descobri isso uma semana antes, quando um dos rapazes, de nome Daniel, se aborreceu quando ela deixou cair refrigerante em suas inúteis anotações sobre o caso.

— Estamos nisso há mais de duas semanas, e você não disse uma palavra. Será que dava pra se esforçar um pouquinho? — ela cuspiu com um risinho debochado, e por um segundo pensei em borrar o vermelho de seu batom pelo resto do seu rosto, enterrando a mão nela. Hoje fico feliz de não ter cometido esse bem pra humanidade. Seu cinismo foi sem dúvida o resultado do meu ganha pão. Eu fechei o livro com raiva, me endireitei na cadeira e comecei a ler o que estava escrito com muita atenção. As palavras não faziam sentido juntas, mas se as alternasse entre uma frase ou outra, era possível você encontrar uma sentença inteira que fosse coerente. Era preciso ver nas “entrelinhas”.

— Caneta e papel. — eu ordenei, embora nenhuma atitude fosse tomada. Ergui os olhos e percebi que todos me olhavam com a surpresa da possibilidade de eu ter entendido algo.

— Então, o quê? — estalei insatisfeita, enquanto dessa vez eu era obedecida. Em três horas, eu havia desvendado o caso dos departamentos numa única folha de papel. Entreguei a folha a um dos babacas, devolvi a caneta pra patricinha de nome Alex, e saí com minha mochila nas costas, enquanto seus olhos incrédulos pousavam sobre mim.

Após dois dias, nosso grupo foi considerado o campeão, e o prêmio dividido entre nós seis. No fim, o menino do Brooklyn foi solto, e eu ganhei uma oferta de emprego do diretor do Pentágono, Edward Shaw na festa de premiação. E foi assim que cheguei onde estou agora. Ainda ligo pro meu padrinho ao menos uma vez por semana. Certos hábitos nunca mudam. Melhor, eu penso. Não gosto de me sentir completamente só.

Na tela do meu computador analiso as mensagens que chegam de várias embaixadas ao redor do mundo com destino ao meu país. Desde que comecei nesse trabalho, a Inteligência Americana já conseguiu evitar cinco atentados à bomba, prender mais de trinta pessoas ligadas a células terroristas e exterminar alguns líderes extremistas, que ameaçavam a zona de conforto dos E.U.A.

Muitas dessas informações nem sequer chegam a ser divulgadas pela imprensa e, é dessa forma que meu trabalho permanece em segredo. Não sou de me gabar, mas sou muito boa no que faço, e pelo que sei só existem mais sete pessoas nessa área capazes de fazer isso. Vivas, só quatro. O que me inclui na lista, é claro. Uma das mensagens me chama a atenção. Ela contém informações sobre o seqüestro e morte de um Chefe de Estado, de uma província africana Djane Mabuco, considerado o homem forte de um

governo instável e ineficiente do presidente Roger Murack. Eu repasso a transcrição pra Inteligência, enquanto o toque do meu celular me tira do foco por um momento.

— Sim? — eu indago serenamente, caminhando até a minha janela, novamente admirando o pintor com suas infinitas cores. Não reconheço a voz do outro lado, mas suas palavras tem um efeito imediato sobre mim: Medo e apreensão.

— Me escute com bastante atenção Rebeca Parker. Ou simplesmente Elena. — a voz do outro lado soa urgente e autoritária, enquanto um arrepio corre imediatamente pela minha espinha, gelando minhas veias.

— Quem está falando? — eu indago cobrindo a janela com a cortina, seguindo em passos apressados até meu quarto.

— Não estou contra você, se é o que quer saber. Mas temos interesses em comum. — eu coloco o telefone no viva voz, e retiro uma caixa de metal de dentro do meu closet, e a estendo em cima da minha cama. Pego uma mochila e algumas peças de roupas, enquanto tento tirar quantas informações possíveis do inesperado contato.

— O que você quer? — pergunto abrindo a caixa e colocando passaportes, dinheiro, uma pistola e uma caixa de munição na mochila. Depois de saber de tantos segredos, você acaba tendo que aprender a se defender, caso ocorra qualquer eventualidade. Aprendi a manusear uma arma há seis meses. Percebi que era necessário quando fui salva por um dos agentes de Shaw, após uma tentativa frustrada de espionagem internacional. Meus finais de semana vinham acompanhados das aulas de tiro então, posso dizer que consigo acertar qualquer coisa em movimento ou não. Pode não ser suficiente pra matar, mas com certeza o estrago será notado.

— Você acabou de ser rastreada Elena, e tem menos de dez minutos pra sair de seu apartamento. Você sabe qual o procedimento padrão. Me encontre na rua detrás do seu prédio. — a voz prosseguia dando instruções, enquanto eu retornava pra sala de posse dos meus acessórios necessários pra minha sobrevivência.

— Como vou saber se não foi você mesmo que me rastreou e que quer me matar? — eu pergunto copiando os meus arquivos pra uma conta confidencial, que tenho em um servidor público. Lá não é possível conseguir nenhum dado, sem que o detentor da senha saiba, pois os IPS mudam aleatoriamente de uma em uma hora.

Termino de seguir o protocolo ensinado pela Inteligência, quando a resposta do outro lado da linha me deixa sem ação por longos dois segundos.

— Por que eu devo um favor à sua mãe. — meu corpo treme, e as informações parecem estacionar no meu cérebro por um momento. Eu arregalo meus olhos num pavor atípico e parece que o tempo congelou por várias horas, embora fosse só segundos.

— Elena, ainda está aí? Você precisa ser rápida. — seu tom devia me forçar a me mover, mas ainda não consigo me situar e pânico ameaça tomar conta de meu corpo.

— Mexa-se Elena! — a voz grita com urgência, e é como se fosse um estalo. Forço minha mente a pensar, e reajo num instinto automático.

— Eu estou saindo. — eu não espero a resposta pra desligar o telefone, e com o toque de um único botão, destruo o disco rígido do meu computador. Eu me precipito na direção da janela, enquanto acompanho o jovem pintor me sorrir de sua sacada, quando faço meu caminho pela escada de incêndio. Me surpreendo num sorriso de volta, enquanto observo homens saltarem de dois furgões, na esquina do meu prédio. Já estou na calçada, quando vejo um carro nos fundos da rua à minha espera.

Sigo em passos apressados, que imediatamente se transformam numa corrida frenética, quando sinto o primeiro, de uma série de disparos tocar o chão. A porta do carro se abre e eu entro nele abruptamente, enquanto o motorista arranca com o veículo. Tiros fazem alguns buracos na lataria, mas incrivelmente não somos atingidos.

— Você está bem? Está ferida? — o homem indaga com preocupação, embora eu me foque na estrada, verificando se existe alguém no nosso encalço.

— Elena? — ele me pressiona aflito, esperando por uma resposta.

— Não, eu estou bem. — eu solto ainda confusa, arfando por uns instantes. — Pra onde estamos indo? — eu questiono analisando atentamente a expressão do motorista, que permanece com os olhos na estrada, ignorando minha pergunta. — Pra onde estamos indo? — eu insisto irritada, minha voz mais alta do que a usual, enquanto ele leva poucos segundos pra me responder.

— A um lugar seguro. — ele me fita brevemente e por um longo tempo eu o inspeciono minuciosamente. Noto a tensão que corre pelas suas mãos, fortemente grudadas no volante e vejo cicatrizes nelas. Parecem queimaduras e uma única palavra pisca em minha mente: Tortura. Seu cabelo é tão ralo, que mal se pode notar poucos fios na extensão de sua cabeça, e ele é mais alto e maior do que eu. Seja lá quem for, não sou páreo pra tentar reagir com ele. Tento preencher as lacunas da situação, e limpo minha garganta para as perguntas seguintes.

— Então, qual é o ponto? — meu tom é sereno, mas ele pode notar a inevitável desconfiança em meus olhos.

— Meu nome é Martin Sullivan. Trabalho para a Inteligência, e tenho acompanhado o seu trabalho Elena. Mas não fui o único. — ele pausa ao me fitar, enquanto solto um exasperado suspiro, pesando as probabilidades de ele estar falando a verdade. — Descobrimos que alguém de dentro da Inteligência começou a adulterar suas informações, e a repassá-las de volta às suas origens. Dessa forma, começamos a perder nossos alvos e possíveis ataques. — ele concluiu.

— Virgil Hanks, Anthony Drill, e Mikael Kovalov. Eles são os únicos, além de mim que conseguem decifrar essas informações. Precisamos achá-los e acabar com isso. —

eu fui rápida num sorriso, embora Martin me fitasse com um semblante espantado pela solução.

— Virgil Hanks morreu a duas semanas na Rússia, Elena. Drill está preso numa prisão de segurança máxima e Kovalov está internado num asilo com diagnóstico de demência. Não lembra-se de nenhum outro nome que possa estar fazendo isso? — eu balanço a cabeça negativamente, enquanto ele me estende o jornal, onde analiso a notícia da morte de Hanks. Um curto silêncio se instala no ambiente e fico pensativa por alguns segundos, antes de me dirigir a ele outra vez.

— Como sabia que estavam atrás de mim?

— Sabemos da vida de todos os nossos funcionários, senhorita Parker. — ele me sorri com um cinismo irritante, enquanto ameaço um sorriso de deboche ao perceber que isso não foi motivo para impedir que alguém de dentro da Inteligência, adulterasse minhas informações. No entanto, eu não digo meus pensamentos em voz alta.

— E qual é o plano daqui por diante? — eu pergunto exausta, prendendo meu cabelo num rabo de cavalo.

— Descobrir que é o traidor e tentar te manter o mais segura possível. — ele diz ao parar o carro de frente a um enorme galpão, após uns quarenta minutos na estrada. Fico indecisa do que pode acontecer dali em diante, no entanto, não tenho muitas opções. Preciso desvendar o que está por trás de toda essa operação.

Talvez uma informação mais valiosa do que a que tenho seja capaz de me manter viva por mais tempo. Embora ainda não estivesse certa de que podia confiar em Martin, ele era a única forma de saber o que eu poderia vir a enfrentar lá na frente. Além do mais, era o único que poderia me dar informações sobre minha mãe. Quem era ela, como ela era, e o principal: como ele a conhecia. Martin me daria todas essas informações. Por bem ou por mal. Isso era uma certeza.

Capítulo 2

Entramos no galpão somente para trocarmos de veículo. Apesar de suas intenções indicarem que Martin quer me ajudar, há algo muito vago nele, algo que me deixa incomodada. Seguimos de volta para a estrada e estou esgotada, tanto emocionalmente, quanto fisicamente. Eu não durmo há horas, e embora tente ficar desperta, não consigo evitar que o sono me arraste, me deixando totalmente vulnerável. Não tenho mais forças, no entanto, e só penso em ainda estar viva, quando chegarmos até onde Martin nos leva.

Já é noite, quando desperto com a porta do carro batendo. Martin me ajuda a sair do veículo, enquanto forço meus olhos a se focar ao que está ao meu redor. Um velho chalé no meio do nada, que parece não receber nenhuma visita há anos, e nem sinal de vizinhança ao redor para contar história. Se ele tiver intenção de me matar, não terei muitas chances de escapar. Eu não evito o pensamento por um segundo.

Entramos na casa, e não posso negar que ela é aconchegante, ainda mais com o frio do lado de fora. Embora o local não aparente acomodar ninguém ali há algum tempo, não há sinal de poeira ou vandalismo. Ao contrário, o cheiro de flores que ocupa o ambiente, demonstra que a casa esteve sendo limpa para acomodar quem ali chegasse. Nós.

— Vai ter que servir ao menos por enquanto. Está com fome? — Martin indaga jogando as chaves sob o criado mudo, enquanto ainda observo o lugar com desconfiança, e um sorriso de lado aparece em meus lábios.

— Morrendo. — respondo, seguindo-o na direção da cozinha. Ele retira algumas coisas da geladeira e minha intuição de que ele já tinha se preparado para isso, reaparece com toda a força. Ou ele já morava ali, ou sabia com antecedência que ficaríamos ali por um tempo. A segunda opção, ganha espaço em minha mente e analiso tudo com muito cuidado. Ele prepara alguns pães com alguma pasta, e em seguida dois copos de suco, enquanto fito-o curiosa por um momento.

— O quê foi? — ele indaga incomodado, quando percebe meus olhos fixos nele mais do que deveria.

— Como conheceu minha mãe? — eu pauso por um instante, mas antes que ele responda; mais questões saltam da minha boca sem controle. — Como ela era? Por que você lhe devia um favor? — eu paro de falar, sendo interrompida por ele, que se aproxima de mim com cautela.

— Ei, ei! Vamos com calma, está bem? — ele solta na tentativa de me acalmar, enquanto nos sentamos à mesa, onde ele esquece a bandeja com as guloseimas por um pouco.

— Sua mãe era uma das melhores agentes que a Inteligência já teve. Você é tão bonita quanto ela, Elena. — sua voz soa admiração, e me retraio um pouco com seu elogio. Não foi difícil prever que tipo de sentimento ele nutria por ela.

— Você a amava, não é? — eu pergunto serenamente, embora ele não se sinta incomodado em responder.

— Era difícil não se apaixonar por ela, mas a verdade é que ela só tinha olhos para o seu pai. Nunca houve nada entre nós, se é o que quer saber — ele diz ao se levantar, carregando a bandeja na direção da sala, enquanto o sigo ainda mais confusa.

— Você conheceu meu pai? — as coisas pareciam não fazer mais sentido nenhum em minha mente. Pessoas que eu só ouvia falar em histórias de quando eu era criança, agora ressurgiam como elementos que podiam mudar todo o rumo da minha vida. Tudo o que eu pensava a respeito dos meus pais estava a ponto de desmoronar. Se o meu padrinho sabia de toda a história do meu passado, por que não me contou? Será que era mais um a fazer parte de toda essa loucura, em que acabei por me meter? Eu não conseguia preencher as lacunas de um passado perdido. Martin me lançou um olhar intrigado, quando percebeu que meus pensamentos ferviam em minha mente sem nenhuma resposta plausível.

— Não pessoalmente. Mas sei que sua mãe não queria você perto dele. — ele disse firmemente, depositando a bandeja numa mesinha de centro, enquanto voltávamos a nos sentar pra comer. A lareira era aconchegante e maquiava o frio que entrava sorrateiramente por pequenas frestas nas telhas de madeira.

— Por que minha mãe não queria que eu me aproximasse de meu pai? — questiono, comendo um dos pãezinhos, tomando um pouco de suco em seguida. Ou estou com muita fome, ou Martin nunca vai passar por apertos, pois o lanche está delicioso. Eu observo o cansaço em seu semblante, enquanto ele limpa os óculos embaçados e sinto que não posso deixar de encaixar algumas coisas nessa história maluca. Ele também parece perceber isso então, ele não se nega a falar o que sabe. Ou o que pode.

— Ela nunca me falou muito dele, mas deixou claro que se ele a encontrasse, você correria perigo. Depois que ela salvou minha vida, sua proteção virou meu dever. — ele pôs os óculos e me fitou por um instante, parecendo recordar boas lembranças ao lado de minha mãe.

— Então ele não sabe sobre mim? — eu indago com uma ponta de tristeza em minha voz, enquanto o observo balançar a cabeça negativamente. — Parece que ele não precisou me achar para eu estar em perigo, não é? — jogo ao ar, terminando com o último pãozinho da bandeja.

Eu ainda não conseguia ordenar nada do que esteve acontecendo ao longo daquele dia interminável. Tudo o que eu parecia saber da vida dos meus pais era uma grande mentira. Eu tinha três anos quando comecei a perguntar sobre eles, e quando fiz dez, meu padrinho me disse que eles haviam morrido num incêndio. Quando Tom afirmou que todas as fotos e documentos relacionados a eles tinham virado cinza eu simplesmente desisti de perguntar qualquer outra coisa a respeito. Era um capítulo da minha vida que estava enterrado. Até as últimas oito horas.

— Por que não se deita um pouco? Amanhã teremos que resolver algumas coisas e vou precisar que esteja em condições de ajudar. — eu não objeto a sugestão, pois apesar do cochilo durante a viagem, sinto como se meu corpo tivesse sido atropelado por um caminhão.

— Obrigada por ter salvado a minha vida. — mesmo não estando cem por cento convencida, eu estendo minha mão pra agradecê-lo, e noto uma tatuagem até então despercebida por mim, no seu pulso esquerdo. Ele não percebe o que notei, tampouco eu faço alguma referência sobre o assunto. Mas não evito que a pulga atrás da minha orelha volte a saltitar.

— Vai ficar tudo bem, Elena. Confie em mim. — ele sorri por poucos segundos, e tenho a leve impressão que algo soava falso por detrás daquele sorriso, algo quase forçado.

— Ok. Boa noite, Martin. — assenti, e subi as escadas que davam pra um dos quartos de hóspedes. Dormir não foi uma tarefa fácil, mas nas poucas horas em que fechei os olhos, sonhei com as cores vívidas que o jovem pintor mostrava ao mundo, todas as semanas na sacada de sua janela. Pareceu tão real, que jurei ter sentido o cheiro de tinta fresca no ar ao abrir meus olhos.

Tudo estava num incrível silêncio, e ao olhar pela janela, percebi dois carros além do nosso, do lado de fora da casa. Me dei conta que se não havia ninguém a minha espera dentro do quarto, era por que uma surpresa muito desagradável com certeza me encontraria lá embaixo. Eu estou sem saída agora. A única coisa que tenho a fazer é descer.

Deço as escadas em passos cuidadosos, e lentamente mais três homens aparecem no meu campo de visão, a minha espera. Um nó entala em minha garganta ao me deparar com a cena, que até então só havia presenciado em filmes. Martin está amarrado em uma cadeira, com o rosto ensangüentado de tanto apanhar, e seus pés presos dentro de um balde com água. Um fio desencapado em contato com a água, faz com que seu corpo receba várias descargas elétricas, enquanto o urro de dor que sai de sua garganta me faça virar o rosto em repulsa por ver aquilo.

Alguém segura minhas mãos com tanta força, que meus músculos estremeçam e sinto o ar faltar por poucos segundos. Agora sou eu que estou amarrada em uma cadeira ao lado de Martin. Seus olhos estão tão inchados, que ele se esforça dolorosamente para me fitar. Sinto um fio de culpa correr em meu peito por ter duvidado dele. Nesse momento, ele não teria por que fingir se estivesse de fato, querendo me matar, não é? Para mim, eu tenho certeza que não.

Um homem de feições orientais e porte fino; se aproxima e senta-se numa cadeira de frente para mim. Ele ostenta um sorriso sarcástico, e sinto que ele não irá hesitar em matar nós dois, caso ele não consiga o que quer; e mesmo assim, é muito provável que esse seja realmente o nosso fim. Eu evito fitá-lo, mas não me contendo quando ele estende uma foto de um homem, com um semblante familiar na minha direção.

— Onde ele está, Sra. Parker? — seu tom é sereno, mas posso sentir o nervosismo percorrer todo o seu corpo, pelo modo que suas mãos tremem ao segurar a foto no ar por alguns segundos. Seja quem for, além de ser valioso, o homem em questão o deixa apreensivo.

— Eu não o conheço. — estalo indiferente, enquanto suor escorre em bica pelo meu rosto, embora seu semblante duvidasse da veracidade das minhas palavras.

— Tem certeza disso? — ele pressiona meus pulsos que estão presos com força; e solto um gemido contido de dor, enquanto ele parece saborear a expressão em meu rosto.

— Eu já disse que não. Por que eu mentiria? — as palavras saem entre os dentes, enquanto minhas veias parecem ferver. Só não sei se é a adrenalina do momento ou uma súbita sensação de pânico, que ameaça me dominar.

— Talvez por que queira protegê-lo? — sua voz sai num sussurro próximo ao meu ouvido, e a possibilidade em suas palavras, fazem minha mente girar em mil direções.

— Por que eu tentaria proteger alguém que nem conheço? — tento ordenar os pensamentos, e ao girar minha cabeça na direção de Martin, não é preciso que ele abra a boca para confirmar as suspeitas que estavam a batalhar em minha mente. Realidade me sufoca, e meu peito afunda diante de toda a situação que está a minha frente. Arfo por um momento e levo poucos segundos para formular a próxima sentença com clareza.

— Eu nunca soube da sua existência até agora. Pelo que sei, ele também não sabe quem eu sou. Então se espera realmente que posso ajudar a encontrá-lo, está muito enganado. Não tenho o mínimo interesse nisso. — eu solto num fio de ironia, enquanto minhas bochechas queimam imediatamente com o estalar de sua mão em meu rosto. Ele puxa meus cabelos para trás com força, e sua boca fica muita próxima dos meus lábios, quando ele fala.

— Se isso é verdade, não podemos perder a oportunidade de providenciar esse encontro tão esperado.

— Deixe-a em paz! — Martin grita vomitando não só as palavras, mas sangue também.

O homem a minha frente, o fita com uma imensa raiva nos olhos e num simples gesto com sua cabeça, ordena que eu seja levada para fora da casa, enquanto ele nos segue.

Durante o trajeto até ao carro, ouço o disparo que silencia a vida daquele que tinha o dever de me proteger e estremeço. Um grito fica preso na minha garganta, e uma lágrima de pavor aparece rapidamente em meus olhos. Minha cabeça parece que vai explodir, e me concentro na situação que me encontro agora. Lamentarei a morte de Martin em outro momento. Encontrar uma saída é tudo em que posso pensar de imediato.

Quando os outros homens entram no carro, o homem que me esbofeteara, vira-se na minha direção com um enorme sorriso e um nítido cinismo em suas palavras.

— Não se preocupe. Logo você e seu pai se juntarão a ele. — ele solta, enquanto o carro se movimenta rapidamente.

— O que quer com ele? — indago secamente, enquanto seus olhos se expandem num misto de poder e temor. Seu semblante me assusta e calafrio corre solto por mim, quando ele prossegue eloquentemente.

— Um mapa. Que vai me levar ao posto mais alto da Rússia. E quando isso acontecer, o resto do mundo será só um detalhe. — estou chocada com o que ele fala, e após estarmos de volta a Rodovia Estadual, nosso carro para no sinal vermelho. Pessoas surgem de todos os cantos, tomando um lado inteiro da pista. Estamos no meio de uma manifestação, e sinto uma sensação esquisita no ar. Analiso minhas opções, mas não consigo encontrar uma forma de sair dali sem ter sérios danos. Assim que o sinal abre, somos atingidos por um caminhão, que arrasta os dois carros por alguns metros. Bato com a cabeça na lateral da porta, e sinto o vermelho quente escorrer da minha testa e me fico zozona.

Abro meus olhos com dificuldade, e percebo que o motorista e um dos seguranças ao meu lado estão mortos. Tento sair do veículo, mas estou presa pelo cinto de segurança e começo a hiperventilar.

. Sinto o cheiro de gasolina que jorra do lado de fora, e desespero parece não colaborar pra tentar me livrar do que me prende. O outro segurança ao meu lado, ameaça puxar o gatilho da pistola que só agora vejo que está na direção da minha cabeça e não movo mais um músculo.

Mesmo ferido, sei que não tenho chances contra ele nesse momento. Estou certa do meu fim, e fecho os olhos num suspiro conformado. Forço a lembrança do pintor e suas cores em minha mente. Talvez dessa forma, minha morte não seja tão dolorosa, eu penso rapidamente.

De repente, um tiro estala em meus ouvidos, mas não sinto o impacto da bala atravessar pela minha cabeça. Ao invés disso, mãos ágeis liberam o cinto de segurança do meu corpo, enquanto uma voz desconhecida se propaga no ar.

— Você pode andar? Está ferida? — o homem que indaga freneticamente, me apóia pelos ombros ao me ajudar a sair do carro, e minha cabeça volta a girar por um momento. Já estou do lado de fora, e em pé, mas parece ter algo errado com minha perna esquerda, por que não consigo firmá-la na primeira tentativa de caminhar.

— Precisamos sair daqui, rápido. — seu tom é urgente e ao ver as minhas condições, ele me lança sobre seus ombros, e sou mais carregada do que apoiada agora. Em poucos metros à frente nos encontramos na entrada de um parque florestal, e rajadas de tiros ressoam em nossos pés. O segundo carro, que não tivera tantos danos com a batida do caminhão, está no nosso encalço e se não agirmos rápido, seremos facilmente capturados. Não temos muitas opções a não ser adentrar na mata espessa. Só espero que

nenhum animal rastreie nosso cheiro, e que a trilha que homem nos guia seja o mais difícil possível. Caso contrário, estamos perdidos.

Capítulo 3

Uma ardência percorre minhas bochechas, braços e pernas, quando galhos e outras plantas na mata se choca em meu corpo, enquanto nos movimentamos floresta adentro. Minha perna dificulta minha movimentação, e somos obrigados a nos abrigar em uma pequena fenda, que se assemelha como toca de algum animal. Eu ainda me sinto tonta, e o homem examina minha face, meus braços e logo minha perna esquerda. Ele me dá um pouco de água de seu cantil pra beber, e percebe o quanto estou febril. Ficamos em silêncio quando ouvimos passos, e vozes a nossa procura. A expectativa de que eles não sejam observadores o suficiente, é o que nos resta pra permanecermos vivos. A arma que o homem conduzia, perdeu-se pelo caminho, e agora não tínhamos nada com o que nos defender.

Enquanto esperamos o perigo passar, eu olho para o seu rosto. Muitos sentimentos se misturam em meu peito, mas além da desconfiança, me sinto assustada e anestesiada ao fitar os olhos daquele que eu nem imaginava existir até o chinês mostrar sua foto há poucas horas. Após alguns minutos, o silêncio volta a tomar conta da floresta e o homem me olha nos olhos pela primeira vez, desde que me tirou do carro.

— Você! — sussurro ofegante, com surpresa em minha voz. Ele se retrai do meu olhar e tenta se focar em cuidar do meu ferimento, para que eu seja útil mais tarde.

— Se não cuidarmos logo desse ferimento, você vai morrer em um dia. — ele diz, enquanto o sangue escorre ainda mais. A adrenalina que antes se fazia presente não me deixando sentir mais do que um leve formigamento na perna se vai, deixando em seu lugar uma queimação que parece rasgar minhas veias lentamente. Ele varre o ambiente ao redor, e ao encontrar uma lasca de madeira, usa como um torniquete em minha perna, junto de um pedaço de sua camisa para estancar o sangue. Eu me sinto tão fraca, que ao invés de gritar, eu solto um suspiro de alívio quase inaudível.

— Isso deve agüentar até encontrarmos um lugar seguro. — ele diz me fitando sem jeito por alguns segundos.

A noite não demora a chegar e meu corpo parece estar entrando em colapso, pois é possível ouvir o tilintar dos meus dentes devido ao frio que aumentou incessantemente nas últimas horas. A fogueira que ele fez há alguns minutos, dá sinal de que logo irá se extinguir e que não durará até o amanhecer; então ele se aproxima e me abraça, sabendo que preciso ficar aquecida. Meu corpo relaxa e em minutos adormeço em seus braços, esperando que o amanhã me traga algumas respostas a tudo que tem acontecido em minha vida, desde que Martin me deu aquele bendito telefonema.

Meus olhos ardem quando os abro, e levo dois segundos para focar o ambiente ao meu redor. Posso observar o homem que me salvara a vida, sentado na entrada do refúgio em que nos encontramos, e é difícil acreditar que ele seja meu pai. Um pai que eu só conhecia de histórias contadas por meu padrinho Tom. As mesmas histórias que as crianças costumavam ouvir antes de dormir. Só que eu não era mais uma criança, e as

histórias já não me bastava pra entender o passado da minha família. Movimento-me com cuidado, embora minha perna esteja dormente devido sua posição durante a noite. Mas não consigo passar despercebida, no entanto. Sento-me ao seu lado e não digo uma palavra, embora milhões de perguntas atravessassem a minha mente em questão de segundos. Eu o fito apreensiva por um pouco.

— Quando eu conheci a sua mãe, nós estávamos em lados totalmente opostos. Espiões americanos. Espiões russos. Ambos possuíamos informações que não podiam ser compartilhadas. — ele pausou brevemente com cansaço, e depois continuou. — Nós nunca deveríamos ter nos envolvido. Mas eu a amava demais.

— O que aconteceu? — pergunto agora interessada na história da qual também me pertence.

— Fomos descobertos, e ela foi acusada de repassar informações confidenciais pra mim.

— E ela passou? — minha voz saiu fracamente, enquanto observei um sorriso triste cruzar seus lábios rapidamente.

— Sim. Mas eu nunca usei as informações que ela tinha. No entanto, para o governo isso não bastava. Eu fiquei sabendo alguns dias depois que existia um plano para matar nós dois. Depois disso eu resolvi forjar a minha morte, e dei um fim em qualquer indício que pudesse colocá-la como alvo. — ele pausou na expectativa de que eu estivesse acompanhando seu raciocínio.

— Você fez isso para protegê-la. — eu concluí, enquanto ele assentia com a cabeça.

— Eu esperava que isso fosse o suficiente para mantê-la segura. Eu não sabia que ela estava grávida de você, Elena. — ele disse com pesar, enquanto seus olhos tão azuis quanto os meus, parecia examinar minha alma por longos segundos. Eu tentei segurar as lágrimas, mas foi inevitável. Odiei-me por isso naquele momento. Não gostava de demonstrar fragilidade, principalmente para alguém que não tinha direito a isto. Tudo o que ele podia ver era dor, mágoa e por que não dizer ódio nos meus olhos marejados.

— Eu soube da morte dela um ano depois. — ele bufou depois de uma longa respiração.

— Sinto não tê-la conhecido. — pigarreio um pouco, e enxugo as lágrimas, enquanto ele sorri nostalgicamente. Não é difícil imaginar o porquê de minha mãe ter se apaixonado por ele. Sua barba rala estava por fazer, seu corpo malhado mascarava a idade que já devia superar os quarenta anos e seus penetrantes olhos azuis, eram enigmáticos. Meu pai era realmente um homem muito bonito.

— Você teria adorado ela. — ele diz me analisando curiosamente de cima a baixo, desde que acordei. — Como está a perna? — ele indaga, verificando o ferimento por um momento.

— Meio anestesiada, mas ainda dói. Como soube sobre mim? — indago confusa, mas sua expressão preocupada demanda mais atenção, do que responder minha pergunta agora.

— Preciso te tirar daqui. — ele suspira preocupado, me ajudando a levantar com cuidado.

— Está muito ruim? Não minta para mim. — tento ser forte, mas ele pode ver o medo estampado em meu semblante.

— Se não cuidarmos disso logo, no máximo em uma hora você vai estar morta. Precisamos nos mexer. — minha boca fica seca e sinto que o pânico ameaça retornar a qualquer momento. — Acha que consegue andar? — ele questiona com dúvida, enquanto reúno forças pra manter minha perna boa firme.

— Logo vamos saber. — solto forçando meus músculos a se movimentar, fazendo a circulação da minha perna aumentar.

Seguimos caminho na direção de volta para estrada. O sol está a pique, e sinto que necessito urgentemente de água, mas sei que o tempo não está ao nosso favor então, me forço a continuar de pé. Levamos meia hora pra chegarmos até a estrada e percebo o tanto que caminhamos mata adentro na manhã anterior. Acho que passei mais tempo dormindo, do que acordada em nosso pequeno refúgio improvisado.

Após mais alguns minutos, o cansaço e a desidratação me vence, e minhas pernas desmontam como palitos, quase o levando ao chão comigo. Eu arfo no asfalto e ele percebe que minha perna voltou a sangrar, e ao passar a mão em meu rosto, descobre o quanto estou em brasas de tão quente.

Milagrosamente um carro aparece e conseguimos carona. Era tudo o que precisávamos naquele momento. Os poucos raios de sol que entram pela janela vão sumindo, enquanto meus sentidos começam a se desligar ao que está ao meu redor e em seguida apago completamente, desmaiada no colo dele.

Três? Seis horas? Perdi a noção do tempo em que estava deitada. Posso vagamente me lembrar de uma mulher loira cuidar da minha perna, mas logo o efeito do que seja, que ela tenha me dado, me levava de novo a um sono tranqüilo, que eu não tinha por dias.

Um cheiro de flores toma conta do ambiente, quando abro meus olhos. O quarto é organizado e bastante aconchegante. Lembrava meu apartamento, e suspirei por um momento antes de me levantar da cama. Em sua estante, eu observo algumas fotos. Meu pai está em quase todas ao lado da bonita loira, e presumo que a relação que ele mantém com ela, é muito mais do que só amizade. Uma das fotos chama minha atenção por um minuto e a seguro nas mãos com cuidado. Meu pai tem em seu colo uma linda garotinha de cabelos pretos e olhos azuis. Não sou eu, com certeza. Mas não evito que uma pontada apareça em meu peito, sabendo que não importa quem seja aquela menininha, ela provavelmente passou mais tempo ao seu lado, do que eu nas últimas horas.

Não costumo sentir inveja, mas é exatamente o que sinto ao olhar para a foto. Ainda estou com o pensamento um pouco lento e o forço a se ordenar. Coloco a fotografia no mesmo lugar e só agora me lembro de investigar minha perna esquerda. O ferimento está limpo e com pontos bem dados. Seja quem for a dona dessa casa, ela acaba de salvar a minha vida. Mais uma para minha lista de favores. Odeio dever favores a alguém, mas pareço não ter muitas opções. Volto para minha realidade ao ouvir vozes vindo da parte de baixo, e sigo na direção delas. Surpreendo-me ao encontrar meu pai e a mesma mulher das fotos, aos risos na cozinha tomando café, num clima descontraído. A tensão toma conta do ambiente por segundos quando eles notam minha presença, ficando um pouco encabulados.

— Como se sente Elena? — ele pergunta se aproximando de mim, enquanto a loira me fita desajeitada por um momento.

— Muito melhor. — digo com desconfiança, cruzando os braços sem tirar meus olhos inquisitivos da dona da casa. — Onde estamos? — meu tom é sério, enquanto ele percebe que meu semblante exige uma explicação.

— Essa é Meredith Brooks, e eu ainda não havia falado, mas sou Matt Andrews. Ela é médica e uma grande amiga. — ele pausa compassivo, enquanto o fito com dúvida e ele continua. — Minha e de sua mãe. — uma onda de gratidão saiu junto da sua voz.

Eu abaixo meus braços totalmente desarmada, e sinto uma ponta de vergonha inundar meu rosto. Eu não deveria fazer julgamentos apressados dela por causa de ciúmes, e por isso desfaço a carranca que acompanha meu semblante rapidamente.

— É um prazer conhecê-la Elena. — ela diz me cumprimentando num sorriso ao apertar minha mão.

— O prazer é meu Meredith. Obrigada pelo o que fez por mim. — um sorriso espontâneo aparece em meu rosto, enquanto fito Matt de lado.

— A qualquer hora. Está com fome? — ela indaga, gesticulando com as mãos para que eu me junte a eles na mesa.

— A gente precisa conversar. — digo na direção dele, ao me sentar para comer, meus olhos presos aos seus.

— O que quer saber? — ele solta após um suspiro, enquanto Meredith gentilmente põe uma xícara de café na minha frente, e apenas agradeço num aceno.

— Tudo Matt. Como você me achou? O que aquele chinês quer com você? — atropelo as palavras freneticamente, enquanto ele me observa atentamente.

— Há alguns anos, eu roubei informações do governo chinês. Essas informações culminaram na queda do vice-presidente da China, que morreu na prisão alguns meses depois de ser preso. Foi um escândalo. Esse cara que te seqüestrou se chama Shong Chan. Filho do cara que morreu na prisão.